

TESSITURAS ENTRE EDUCAÇÃO INFANTIL E EDUCAÇÃO ESPECIAL: COSTURAS ENTRE ATUAÇÃO E FORMAÇÃO

*Andréa Matos Zenari*¹

 <https://orcid.org/0009-0008-4240-1124>

*Cíntia Leão*²

 <https://orcid.org/0009-0005-3114-4335>

*Liliane Ferrari Giordani*³

 <http://orcid.org/0000-0003-4316-4307>

*Luciane Bresciani Lopes*⁴

 <http://orcid.org/0000-0002-4463-2021>

Resumo: Que tessituras são possíveis (e necessárias) na formação docente para o trabalho na/com a infância na Educação Especial em uma perspectiva inclusiva? Partindo desse questionamento, apresenta-se, enquanto estratégia metodológica, um relato de experiência a partir da ação desenvolvida na 2ª edição do curso *Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico*, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O relato constitui uma fina costura, entretecida na articulação entre a escola e a universidade, que pauta a inclusão responsável como uma postura ética e política na defesa do direito à educação de todos e todas. O diálogo se faz com e a partir do pensamento freireano, em que a práxis é constituída de esperar e sonhos, compreendendo o valor político da tarefa de educar. Aponta-se, como considerações finais, que a inclusão é compreendida como um caminho que se faz com pessoas e equipes, tecida a muitas mãos, de forma responsável, independentemente do território escolar. Tessituras entre a atuação e formação convidam a assumir uma postura de corresponsabilidade na prática docente através de um diálogo permanente entre distintos campos de saber, interconexão de estratégias metodológicas, investimentos em percursos formativos e alargamento dos conceitos do fazer na Educação Infantil.

Palavras-chave: Formação Docente; Educação Especial; Educação Infantil.



¹ Pedagoga Especialista em Gestão Pública, Administração da Educação, Atendimento Educacional Especializado, Psicopedagogia e TICs e Educação Infantil. Atuou no Serviço de Educação Precoce e Psicopedagogia Inicial e na Assessoria de Apoio à Inclusão na Educação Infantil da Rede Municipal de Porto Alegre. E-mail: amzenari@gmail.com.

² Mestra em Educação pela Pontifícia e Pedagoga em Educação Especial pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Especialista em Estimulação Precoce. Atua no serviço de Educação Precoce e Psicopedagogia Inicial e na Assessoria de Apoio à Inclusão na Educação Infantil da Rede Municipal de Porto Alegre. E-mail: proficintia@gmail.com.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Associada do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, área de atuação Educação Especial e Inclusão, Educação Bilíngue de Surdos. E-mail: liliane.giordani@ufrgs.br.

⁴ Mestra em Educação e Especialista em Educação Especial e Processos Inclusivos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: lbresciani@gmail.com.

WEAVING CONNECTIONS BETWEEN EARLY CHILDHOOD EDUCATION AND SPECIAL EDUCATION: STITCHES BETWEEN PRACTICE AND TRAINING

Abstract: What weavings are possible (and necessary) in teacher education for work with/for children in Special Education from an inclusive perspective? Based on this question, a methodological strategy is presented through an experiential account of actions taken during the 2nd edition of the course *Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico* at the Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. The account represents a delicate stitching, interwoven in the articulation between the school and the university, emphasizing responsible inclusion as an ethical and political stance in advocating for the right to education for everyone. The dialogue is established with and built upon Freirean thinking, where praxis is constituted by hope and dreams, recognizing the political value of the educational task. In conclusion, it is emphasized that inclusion is understood as a path undertaken with people and teams, woven by many hands, responsibly and irrespective of the school setting. Weavings between practice and education invite adopting a co-responsible stance in teaching through a continuous dialogue between different fields of knowledge, interconnection of methodological strategies, investments in formative paths, and broadening the concepts of doing in Early Childhood Education.

Keywords: Teacher Education; Special Education; Early Childhood Education.

TEJIDOS ENTRE EDUCACIÓN INFANTIL Y EDUCACIÓN ESPECIAL: ENLACES ENTRE PRÁCTICA Y FORMACIÓN

Resumen: ¿Qué tejidos son posibles (y necesarios) en la formación docente para el trabajo en/desde la infancia en Educación Especial desde una perspectiva inclusiva? A partir de esta pregunta, se presenta, como estrategia metodológica, un relato de experiencia basado en la acción desarrollada en la 2ª edición del curso *Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico* en la Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. El relato constituye una fina costura, entretejida en la articulación entre la escuela y la universidad, que enfatiza la inclusión responsable como una postura ética y política en defensa del derecho a la educación para todos. El diálogo se establece con y desde el pensamiento freireano, donde la praxis se constituye de esperanza y sueños, reconociendo el valor político de la tarea educativa. Como conclusiones, se destaca que la inclusión se comprende como un camino emprendido con personas y equipos, tejido por muchas manos, de manera responsable e independientemente del entorno escolar. Los tejidos entre la actuación y la formación invitan a asumir una postura de corresponsabilidad en la enseñanza a través de un diálogo continuo entre distintos campos del saber, la interconexión de estrategias metodológicas, la inversión en trayectorias formativas y la ampliación de los conceptos del hacer en la Educación Infantil.

Palabras clave: Formación Docente; Educación Especial; Educación Infantil.

Tessituras do Fazer Pedagógico: a defesa do aprendizado no e pelo coletivo

Pautadas no compromisso ético e político com uma formação docente que responda aos anseios de uma outra escola possível para todos os públicos, iniciamos a escrita deste artigo apresentando a pergunta que orienta a nossa escrita: *que tessituras são possíveis (e necessárias) na formação docente para o trabalho na/com a infância na Educação Especial em uma perspectiva inclusiva?* Partindo desse questionamento, apresentamos, como estratégia metodológica, um relato de experiência a partir da ação desenvolvida na 2ª edição do Curso de Aperfeiçoamento – *Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico*, realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS) no ano de 2022. Nosso relato é uma fina costura, entrelaçamento da escola e da universidade, que pauta a inclusão responsável como um princípio na defesa do direito à educação de todos e todas.

O desenvolvimento de ações de formação continuada para docentes que atuam nas redes públicas de ensino da cidade de Porto Alegre e região metropolitana iniciou-se no ano de 2019, com a parceria entre docentes da FACED/UFRGS e representantes do Fórum pela Inclusão Escolar⁵. Essa relação, entre a Universidade e o Fórum, produziu um espaço de discussão para a promoção de uma educação inclusiva, plural, por meio do desenvolvimento de atividades formativas. Tais formações são caracterizadas por oportunizarem espaços de diálogo e produção a partir da concepção do fazer pedagógico que contemple as especificidades dos estudantes e dos professores. Consideramos que integrar um processo formativo participativo, ativo e, acima de tudo, vivo, é um direito fundamental e que deve ser universalmente possibilitado à população escolar, e mesmo além dela.

⁵ Segundo informações no endereço eletrônico do Fórum, em 2007 as Escolas Especiais da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre reuniram-se para debater e promover ações em contraposição à Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008), que previa, inicialmente, a transformação de todas as escolas especiais em centros de atendimento. Após várias ações, locais e nacionais, a obrigatoriedade de transformação das Escolas em Centro foi revista na referida Política. A partir desse movimento e de outros, em nível municipal, foi proposta a criação de um Fórum Permanente de Discussão do tema “inclusão escolar de alunos com deficiência”. O Fórum de discussão foi remodelado em junho de 2007, passando a ser denominado *Fórum pela Inclusão Escolar*. Mais informações em: (Fórum [...], [2024])

Compreendemos que a formação continuada de professores desempenha um papel crucial na promoção da qualidade da educação e no aprimoramento constante do trabalho docente. No contexto legal brasileiro, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996) estabelece as bases para a formação de professores, definindo requisitos para ingresso e exercício da profissão docente. Além disso, o Parecer nº 9/2001 e a Resolução nº 2/2015 (Brasil, 2001, 2015), do Conselho Nacional de Educação, delineiam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores, fornecendo orientações para os cursos de formação inicial e continuada. A formação continuada de professores não apenas se revela como um meio para a atualização profissional, mas também como um pilar fundamental para o fortalecimento da qualidade do ensino e, no caso do curso oferecido, ainda, como uma possibilidade para efetivação da política de inclusão nacional.

No sentido de estabelecer um histórico das ações formativas, para contextualizar a organização da 2ª edição do curso, espaço de produção da materialidade do nosso relato de experiência, destacamos a promoção do curso *Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico*, entre setembro a dezembro de 2019, que contou com a presença de professores da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre como ministrantes das atividades formativas. A participação dos professores da rede pública de ensino como ministrantes do curso, para nós, constitui-se como preceito fundamental na promoção de uma ação na/com a escola. O curso caracterizou-se como um espaço de diálogo e produção de uma educação pautada na concepção de dinâmicas escolares inclusivas, observando as especificidades dos estudantes. O grupo de participantes era composto por professores de diferentes cidades da região metropolitana de Porto Alegre e do interior do estado do Rio Grande do Sul.

Ao longo de nove encontros presenciais, realizados aos sábados na FAGED/UFRGS, foram realizados ateliês pedagógicos. Estes proporcionaram diálogo sobre experiências docentes e vivências escolares, contribuindo para a discussão e produção de uma prática docente em tessitura. Nos encontros foram produzidas diversas narrativas que culminaram na articulação para a produção do livro *Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico* (Kraemer; Giordani; Lopes, 2021).

O período de pandemia de Covid-19, modificou as formas de contato e comunicação por um longo período, assim as ações promovidas pelos docentes da FACED/UFRGS e o Fórum pela Inclusão Escolar ocorreram virtualmente, nas Conversas com o Fórum pela Inclusão Escolar e Diálogos no Fórum. Paralelamente às ações virtuais, gestou-se a segunda edição do curso *Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico*, que viria ocorrer no ano de 2022, em formato ampliado, tanto em carga horária e número de cursistas contemplados.

A 2ª edição do Curso de Aperfeiçoamento – *Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico* foi realizada na FACED/UFRGS, ao longo de 15 encontros, no período de junho a dezembro, entre os quais ocorreu a atividade *Infâncias e Educação Especial: Educação Precoce e Psicopedagogia Inicial*, que apresentaremos mais adiante. Assim como as demais ações desenvolvidas até o presente, assumimos, na referida formação, a premissa da efetivação das políticas de educação inclusiva, no prisma da participação, do acolhimento de diferentes concepções e práticas. Ao compreender a educação inclusiva como tessituras de um fazer pedagógico, um dos resultados do curso foi a produção do livro *Cartas pedagógicas: tessituras em educação inclusiva* (Giordani; Lopes, 2023).

Apresentadas as questões que contextualizam a produção do relato de experiência a partir da ação desenvolvida na 2ª edição do Curso de Aperfeiçoamento – *Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico*, destacamos que nosso diálogo se faz com e a partir do pensamento freiriano, pois nossa práxis é constituída de esperar e sonhos, compreendendo o valor político da tarefa de educar. Dito isso, para a continuidade da escrita, o presente texto está organizado em três partes, quais sejam: 1) No ateliê: método e teoria para começar a tecer; 2) Fio a fio, ponto a ponto: costuras cotidianas no atendimento às infâncias na rede municipal de ensino de Porto Alegre; e 3) Tramas miúdas: o compartilhamento de saberes no curso *Tessituras do Fazer Pedagógico*.

No ateliê: teoria e método para começar a tecer

Para tecer é preciso escolher os materiais, os meios e modo como a costura será produzida. No caso deste texto, apresentaremos, ao longo dessa seção, as questões teórico-metodológicas para a produção da escrita. Convidamos à visita ao ateliê, pois é nele e a

partir dele que se torna possível enxergar a costura que está por vir. Na educação, o processo de formação de professores assemelha-se, em nossa percepção, à tessitura cuidadosa em um ateliê.

Cada experiência de aprendizado é como um fio colorido, entrelaçando-se com o próximo para criar uma peça única de conhecimento. Os educadores, como habilidosos artesãos, escolhem os elementos que comporão o todo, enquanto cada reflexão e aprendizado são os pontos que fortalecem a trama da profissão docente. Assim, a formação de professores revela-se não apenas como um processo, mas como a arte de entrelaçar saberes e experiências, dando vida a uma narrativa educacional significativa.

1. Práxis freiriana como linha de tecer

As políticas de inclusão escolar, por meio dos dispositivos legais, visam o direito fundamental à educação para todas as crianças, jovens e adultos. Essas políticas buscam superar barreiras e promover a participação plena de todos os alunos nos ambientes educacionais. Para a efetivação de tais políticas, uma das ações é o investimento público em formação continuada de educadores. A Universidade tem cumprindo o seu papel ao proporcionar, em parceria com outros agentes públicos, a execução de cursos de formação que estabelecem relação direta com a prática pedagógica, diante dos diferentes contextos em que as escolas estão inseridas.

É tempo de criar espaços, a partir do compartilhamento de informações, de reinvenção e responsabilidade, sabendo que a mente humana é um multiverso de sensações, desafios e oportunidades. Na reinvenção dos espaços e das práticas é preciso considerar o princípio da equidade para a garantia da acessibilidade e o direito à diferença. Para rompermos com as práticas excludentes e produzir uma educação inclusiva, não basta uma ruptura de paradigma da Educação Especial, são necessárias transformações políticas, culturais e sociais, ainda, em um profundo olhar para dentro de cada um de nós, uma transformação de dentro para fora.

Nessa perspectiva, tensionam-se discussões para redesenhar currículos e repensar práticas que possam romper com a lógica de uma suposta normalidade e que permitam possibilidades de diferentes aprendizagens, em suas formas, tempos e linguagens. É fundamental a presença de conteúdos e práticas na formação docente que movimentem os

tempos e os espaços da escola e dos alunos, que se propõem em experimentações de fazeres, seguindo a perspectiva das possibilidades de encontro de saberes.

A formação docente, como espaço de interlocução, diálogo e tensionamento, constitui-se numa prática encadeada ao princípio político da inclusão escolar. Isso requer desnaturalizar discursos que reforçam a condição de despreparo dos professores e imprime a necessidade de converter exercícios, acerca da prática pedagógica, em processos de diálogo entre pares e comunidade escolar. Pensar a partir desse viés é compreender um movimento que confere à docência uma possibilidade de (re)invenção por meio do movimento de análise e diálogo das práticas desenvolvidas. Um deslocamento, do fazer sistematizado para um exercício das ações pedagógicas, que se organize por meio da responsabilidade docente com a educação “de todos, sem exceção” (Unesco, 2020).

O universo infantil é rico e fértil em saberes e aprendizagens, e, ao se proporem formulações conjuntas entre os educadores, vamos transformando em ferramenta de trabalho nossas aspirações, na construção de uma escola inclusiva e plural. Em nossa tessitura, o conceito de práxis educativa freiriana, que implica a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo, é linha para costurar. Além disso, o conceito de conceito de experiência, de Jorge Larrosa Bondia (2002, p. 21), é imprescindível, pois, segundo o autor, “[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. Desta maneira, a experiência está diretamente relacionada com o homem, aliás, só se realiza pelo homem”.

A escola, que se constitui um empreendimento humano, uma organização histórica, política e culturalmente marcada, deve ser entendida como um território em que indivíduos e grupos de diferentes interesses, preferências, crenças, valores e percepções da realidade mobilizam poderes e elaboram processos de negociação, pactos e enfrentamentos. Um cenário em que as experiências devem ser valorizadas como saberes e práticas em constante construção.

Retomando a práxis, na perspectiva de Paulo Freire (1994, 1996, 2007), esta desempenha um papel crucial na formação continuada de professores, a partir de uma abordagem educacional que transcende a simples transmissão de conhecimento. A práxis

representa a interconexão entre teoria e prática, englobando a reflexão crítica sobre a realidade e a ação transformadora consciente. Desse modo, as ações de formação do curso *Tessituras do Fazer Pedagógico*, segundo a perspectiva freiriana, buscaram promover uma reflexão crítica sobre a realidade social, cultural e política que permeia o ambiente educacional. Esse processo reflexivo é essencial para desenvolver-se uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e das diversas experiências dos alunos.

A ação transformadora, elemento intrínseco à práxis freiriana, destaca a importância de os professores não apenas transmitirem informações, mas também engajarem os alunos em um processo ativo de construção de conhecimento. Assim, buscamos que os educadores, em formação, pudessem refletir criticamente sobre suas práticas e adaptá-las às necessidades específicas de seus alunos. Em última análise, a práxis na formação continuada de professores representa um compromisso com a construção de uma educação que transcenda os limites tradicionais, capacitando os educadores a serem agentes de transformação social.

2. Relato de experiência como método de tecer

O relato de experiência, enquanto metodologia de pesquisa no campo da Educação, constitui-se como um método que permite aos pesquisadores apresentarem as complexidades da prática educativa por meio de narrativas pessoais e reflexivas. Segundo Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 63), o relato de experiência não é, necessariamente, um relato de pesquisa acadêmica, mas caracteriza-se antes como “[...] expressão escrita de vivências, capaz de contribuir na produção de conhecimentos das mais variadas temáticas [...]”. Ainda, o texto produzido a partir do relato de experiência “trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção” (Mussi; Flores; Almeida, 2021, p. 65).

Segundo Tardif (2014), os saberes docentes são produzidos na e pela experiência, desse modo a formação, a partir de uma abordagem narrativa, permite uma compreensão contextualizada das experiências vividas no contexto educacional, contribuindo para o desenvolvimento e aprimoramento das práticas pedagógicas. Ao integrar a subjetividade do pesquisador, a contextualização da experiência e a análise reflexiva, o relato de

experiência proporciona uma compreensão das práticas educativas, contribuindo para o avanço do campo. Desse modo, optamos pelo uso do método para a produção da materialidade, que será apresentada nas duas partes a seguir, quais sejam: 1) no relato da prática na rede municipal de Porto Alegre; e 2) o relato da trama entre o fazer na rede e a formação em rede, produzido no curso *Educação Inclusiva: Tessituras do Fazer Pedagógico*.

Fio a fio, ponto a ponto: costuras cotidianas no atendimento às infâncias na rede municipal de ensino de Porto Alegre

A cidade de Porto Alegre vem definindo, numa costura constante, fio a fio, ponto a ponto – desde 1992 –, uma trajetória de trabalho com crianças entre zero e seis anos de idade e a inclusão nos espaços de Educação Infantil, sejam eles públicos (escolas de Educação Infantil mantidas pela Prefeitura Municipal) ou privados (instituições parceiras e que mantêm convênio com a Prefeitura Municipal), reconhecendo que estes espaços são fundamentais para a construção da cidadania. É direito das crianças e dever do poder público promover processos de inclusão nas instituições de Educação Infantil e atender as especificidades dessas crianças e de suas famílias.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE), conforme Art. 2º da Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009, “[...] complementa a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem” (Brasil, 2009). A partir desse dispositivo legal, a Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre oferece atendimento especializado às crianças da Educação Infantil pelos seguintes serviços: Educação Precoce (EP), 0 a 3 anos, e de Psicopedagogia Inicial (PI) para crianças de 3 a 6 anos⁶.

Na perspectiva de um trabalho preventivo, é fundamental que a EP e a PI não sejam consideradas somente como Atendimento Educacional Especializado. Esse serviço

⁶ Durante o ano de 2021 foi elaborado, coletivamente, o *Documento orientador para Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva na rede municipal de Porto Alegre*. No referido documento é descrito o trabalho desenvolvido pela Educação Precoce e Psicopedagogia Inicial para a promoção da inclusão escolar na rede municipal de Educação Infantil, contudo, até o presente momento, o documento não foi validado pela gestão municipal (Porto Alegre, 2013).

também acolhe crianças da comunidade que ainda não frequentam escola infantil, principalmente bebês ou crianças pequenas com idade menor à idade obrigatória de matrícula escolar.

As crianças atendidas no Serviço de Educação Precoce apresentam problemas detectados antes, durante ou após o nascimento. Esse trabalho ocorre com a presença e participação ativa dos pais ou cuidadores, buscando-se a estruturação ou reestruturação das funções parentais, para que se dê a constituição do sujeito psíquico, cognitivo e orgânico. Dessa maneira, dá-se ênfase às possibilidades de desenvolvimento da criança. As intervenções acontecem por meio do brincar, a partir das questões propostas pelo profissional, pela criança e sua família ou cuidadores em um atendimento individualizado.

Já a Psicopedagogia Inicial trabalha em uma sistemática de atendimentos individualizados, com ou sem a presença dos pais ou cuidadores, assim como em duplas ou pequenos grupos de crianças. Os atendimentos são baseados no brincar, ampliando o universo de significações e vivências da criança, de acordo com a sua cultura, contexto familiar e momento do desenvolvimento. As intervenções estruturam o trabalho quanto aos aspectos de vida diária, simbolização, socialização, comunicação e linguagem, produção gráfica, aquisições motoras, dentre outros.

Os atendimentos, tanto de EP quanto de PI, ocorrem, até o momento, em salas de quatro escolas municipais de Ensino Fundamental Especial e uma escola municipal de Ensino Fundamental de Surdos Bilíngue, em Porto Alegre. O espaço físico é parte da intervenção e deve ser pensado sempre como uma estratégia, tanto no âmbito dos atendimentos quanto das assessorias. Por isso, idealizou-se que os serviços estivessem localizados fora da escola infantil, possibilitando uma função de triangulação entre esta e a criança. Isto também favorece para que, nas assessorias, quando os profissionais da EP e da PI realizam um mapeamento das questões que envolvem os alunos e sua escola para posterior intervenção, seja constituída a função de mediação, de auxílio às costuras, de parceria na arte de entrelaçar e de tramar.

A parceria com as escolas de Educação Infantil é um processo interdisciplinar constante. Os profissionais de EP e PI realizam as assessorias para promover e apoiar a inclusão escolar. A concepção de trabalho da Educação Precoce e da Psicopedagogia

Inicial considera a escola de Educação Infantil como um lugar da infância, onde se aprende com as diferenças, um dos princípios freirianos. Nesse sentido, o apoio à inclusão nas escolas de Educação Infantil contempla, entre outras atividades e propostas:

- Formações teóricas com os educadores, equipes diretivas e de apoio; construção coletiva de orientações quanto a manejo com a criança da EP e PI e os demais alunos que compõem as turmas;
- Escuta, entrevistas e encaminhamentos com famílias; realização de interconsultas (reuniões em unidades de saúde ou nos locais onde os profissionais de saúde atuam) envolvendo educadores da sala de aula comum, professor do AEE da EP ou PI e os profissionais de saúde que acompanham a criança (neurologistas, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, psicólogos, entre outros).

O trabalho de assessoria fomenta o laço construído entre os professores do AEE da EP e PI com os educadores das escolas de Educação Infantil com o propósito de estabelecer uma educação estruturante para as crianças, sendo possível intervir no desenvolvimento global do sujeito atendendo suas particularidades. Nesse sentido, o papel do professor é fundamental pela qualidade da intervenção pedagógica que se dá na coletividade, na qual sua mediação é imprescindível.

A inclusão de crianças com deficiência na primeira etapa da Educação Básica lança desafios que nos remetem a uma real articulação entre todos os profissionais envolvidos a fim de atender da melhor forma as crianças foco de nossa ação. Não é possível desenvolver um trabalho solitário no Atendimento Educacional Especializado, tampouco no atendimento a crianças tão pequenas e em pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

E, essa criança, cresce...

Ao finalizar a Educação Infantil, a pequena criança ingressa no Ensino Fundamental. Não menos importante do que todo o acompanhamento durante os primeiros anos da vida escolar, é esse período, nomeado de transição. Uma transição de espaço, de desafios, de possibilidades, de vínculos. Uma transição que requer um processo respeitoso

e cuidadoso, um acompanhamento para que a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, com respeito à individualidade, seja garantido.

E os profissionais do Serviço de Apoio à Inclusão da EP e PI também auxiliam na previsão das formas de articulação entre as equipes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental da escola na qual a criança será matriculada. Nesse momento de curiosidade, insegurança pelo novo que se apresenta, encantamento, tanto da família quanto das escolas, a presença do profissional garante que toda a trajetória e história construída na Educação Infantil possam ser encaminhadas, garantindo também a continuidade dos processos vividos nos primeiros anos no âmbito escolar.

Tramas miúdas: o compartilhamento de saberes no curso *Tessituras do Fazer Pedagógico*

[...] a atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. É falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. e ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (Freire, 2007, p. 142).

Queridas professoras, queridos professores que trabalham com as infâncias... que fizeram ou não o curso *Tessituras*, mas que se sentem desafiados pelas crianças cada vez que seu olhar cruza com uma mirada inquieta e vibrante, cheia de promessas... O *Tessituras do Fazer Pedagógico*, segunda edição do curso de aperfeiçoamento em educação inclusiva, proporcionou o contato com muitas histórias de vida dos cursistas. E, por que não, com nossas próprias histórias. Ao longo de muitos sábados, um pedacinho de cada um de nós foi se tramando, unindo-se em uma enorme teia, em um emaranhado de ideias e de desejos de fazer diferente, de ser diferente. A cada história que conosco compartilhavam, traziam-nos, também, o universo de muitos colegas e escolas.

No sábado específico para conversarmos e pensarmos em estratégias de intervenção com os pequenos de 0 a 6 anos, faixa etária da Educação Infantil, a turma foi recebida em meio a objetos, brinquedos, jogos e muita, mas muita vontade de transformar um dia frio do mês de julho em um caloroso acolhimento (Figura 1). Não há como trabalhar com gente

sem se implicar, não há como trabalhar com crianças sem ingressar no mundo das infâncias.

Figura 1 – Cursistas explorando os materiais utilizados nos atendimentos da EP e PI



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2024).

A proposta de o espaço da sala ser “remodelado” para ficar com cara de criança era exatamente a proposta de um ateliê, um espaço de construção, de ideias, de convívio, de experiências e de partilha. Ninguém chega só, não são apenas fios soltos, cada pessoa traz consigo o manto que a veste. Veste suas práticas, veste seus fazeres. O grande objetivo do ateliê foi que cada manto pudesse ser apresentado, valorizado e que a união de todos produzisse ao longo do dia novos movimentos e vestimentas.

O dia foi recheado de teoria e prática, numa mescla de saberes e de vivências. Costuras, bordados formando ora lindos *patchworks*, ora maravilhosas costuras criativas de expressão livre. Cada ponto unido, com experiências de educadores de diferentes cidades da região metropolitana de Porto Alegre, de distintas redes, trouxe ao grupo importantes aprendizados, narrativas individuais e reflexões. Como já citado, no início deste artigo, a ideia era que cada educador, a partir da sua trajetória pessoal e profissional, pudesse mesclar conhecimentos e (re)pensar sua prática inclusiva, naquele momento e, principalmente, quando retornasse à sua escola, no contato com seus alunos.

O Serviço de Apoio à Inclusão da cidade de Porto Alegre foi apresentado, permeando indagações, reflexões e construção coletiva de possibilidades escolares. Fotos e depoimentos só enriqueceram o conteúdo. Aliada ao recurso de mídia, que serviu de suporte, uma lista de palavras (Quadro 1) auxiliou este trabalho, tais como:

Quadro 1 – Palavras utilizadas na atividade formativa

<i>PROPOSTAS</i>	<i>INTERAÇÕES</i>	<i>ESTÍMULOS</i>
<i>PROTAGONISMO</i>	<i>ORGANIZAÇÃO</i>	<i>APRENDIZAGEM</i>
<i>OLHAR ATENTO DO ADULTO</i>		<i>INTENCIONALIDADE</i>
<i>DESCOBERTAS</i>	<i>ARTICULAÇÃO DOS SABERES</i>	

Fonte: Organizado pelas autoras (2024).

Pensar as Infâncias e a Educação Especial foi o propósito de nossa trama. Experimentar, brincar, jogar, compartilhar experiências e ideias entre os cursistas. De uma forma leve e, ao mesmo tempo, profunda, (re)pensar e (re)conectar com nosso dia a dia. No turno da tarde, foi hora de reunir as linhas e o material que havia sido espalhado, como sementes que logo iriam germinar para, então, costurar todos os retalhos, tecer todos os fios e entrar no mundo de Joana, uma menina de 5 anos que contribuiu para que pudéssemos fazer um estudo de caso. Joana foi nos mostrando, slide por slide, foto por foto, a rotina de uma criança como algo que não ia bem, como costumamos pensar, independentemente do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Ah, e como Joana nos desafiou... mas esses desafios foram se transformando em ideias, e essas ideias puderam compor um registro, o Plano Educacional Individualizado (PEI). A caracterização de Joana foi apresentada e, a partir dela, objetivos e estratégias de intervenção foram aflorando... um verdadeiro jardim de ideias!

As costuras que fizemos confirmam que a maneira como uma criança brinca ou interage nos mostra sua forma de pensar e de sentir. Quando o adulto está atento e conhece o universo infantil percebe como essa criança estará organizando e construindo suas hipóteses de aprendizagem e de convivência no grupo. A ação da criança reflete sua estruturação intelectual, seu nível de desenvolvimento cognitivo e afetivo-emocional.

E o desvelar de sua história norteia o planejamento das ações pedagógicas, em conjunto com outros profissionais, num processo reflexivo diário de estabelecimento de diálogos, respeitando as especificidades de cada criança. A diversidade que se apresenta diariamente, bem como a complexidade de cada aluno atendido pela AEE, tornam o processo único. Todos os saberes são necessários e em busca de um só foco: a criança.

Costuras e acabamentos

Apontamos como considerações finais que a inclusão é compreendida como um caminho que se faz com pessoas e equipes, tecida a muitas mãos, de forma responsável, independente do território no qual se desenvolvem as ações educacionais. *Tessituras* entre a atuação e formação nos convidam a assumir uma postura de corresponsabilidade na prática docente, por intermédio de um diálogo permanente entre distintos campos de saber, interconexão de estratégias metodológicas, investimentos em percursos formativos e alargamento dos conceitos do fazer na Educação Infantil.

Unir pontos, a muitas mãos, fortalece a ideia e a certeza de que a formação de educadores é real e necessária. Formação permanente e aqui, no caso, para educadores das infâncias, aqueles que encantam e se encantam, amam, sentem, escutam, sonham, imaginam, estudam, aprendem, ensinam... Assim como as crianças, os educadores precisam sentir para aprender, e aprender com as crianças.

A construção deste artigo demandou uma escuta e um trabalho coletivo, em rede. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão traz a universidade para fora de seus muros. Retomando a pergunta inicial da nossa escrita, ou seja, *que tessituras são possíveis (e necessárias) na formação docente para o trabalho na/com a infância na Educação Especial em uma perspectiva inclusiva*, afirmamos que a tessitura possível (e necessária) é

estabelecida pelos vínculos estreitos com as escolas, na construção permanente de propostas pedagógicas que fortaleçam os princípios do acesso, permanência, participação e aprendizagem de todos os estudantes, reconhecendo e assegurando o princípio da equidade. Nosso olhar para a escola traz, com a força necessária, o *Esperançar* como força propulsora da nossa ação docente, em que incluir é muito mais que respeitar as diferenças, é conviver entre elas, entre nossas múltiplas subjetividades. O trabalho coletivo se fortalece na promoção de espaços de formação, potencializando a troca de experiências pela ética e respeito às diferenças. O direito à educação plena e de qualidade é garantido constitucionalmente, um direito de acesso ao conhecimento para todas as crianças. A escola precisa estar em constante aprendizagem de si mesma, reinventando tempos e jeitos de ensinar, misturando sua arquitetura para movimentar os corpos e mentes, tanto dos professores quanto dos estudantes. Escola é um espaço vivo entretecido por intensidades e encontros.

Referências

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CP n. 9/2001*. Diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13272-parecer-cp-2001>. Acesso em: 3 mar. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CP n. 2/2015*. Define as diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/21028-resolucoes-do-conselho-pleno-2015#:~:text=Resolu%C3%A7%C3%A3o%20CNE%2FCP%20n%C2%BA%202,e%20para%20a%20forma%C3%A7%C3%A3o%20continuada>. Acesso em: 3 mar. 2024.

BRASIL. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 3 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. *Política nacional de educação especial na perspectiva inclusiva*. Brasília, DF: Secretaria de Educação Especial, 2008.

BRASIL. *Resolução n. 4, de 2 de outubro de 2009*. Institui diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na educação básica, modalidade educação especial. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em: 3 mar. 2024.

FÓRUM pela Inclusão Escolar. Porto Alegre: UFRGS, [2024]. Disponível em: www.ufrgs.br/forumpelainclusao/. Acesso em: 20 fev. 2024.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GIORDANI, Liliane Ferrari; LOPES, Luciane Bresciani (org.). *Cartas pedagógicas: tessituras em educação inclusiva*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/cartas-pedagogicas/>. Acesso em 20 fev. 2023

KRAEMER, Graciele Marjana; GIORDANI, Liliane Ferrari; LOPES, Luciane Bresciani (org.). *Educação inclusiva: tessituras do fazer pedagógico*. Porto Alegre: Cirkula, 2021.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>

PORTO ALEGRE. *Resolução n. 013 de 05 de dezembro de 2013*. Dispõe sobre as diretrizes para a educação especial no sistema municipal de ensino, na perspectiva da educação inclusiva. Porto Alegre: Conselho Municipal de Educação, 2013. Disponível em: <https://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?s1=000036578.DOCN.&l=20&u=/netahtml/sirel/simples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT#:~:text=Resolu%C3%A7%C3%A3o%20n%C2%BA%20013%2F2013%2C%20que,na%20perspectiva%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Inclusiva%22>. Acesso em: 3 mar. 2024.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

UNESCO. *Relatório de Monitoramento Global da Educação 2020: inclusão e educação: todos, sem exceção*. Paris: Unesco, 2020. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375582>. Acesso em: 28 maio 2024.

Recebido em: 20 de fevereiro de 2024

Aceite em: 25 de abril de 2024